

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA
CURSO DE PEDAGOGIA**

CRISTIANE RIBEIRO DE SOUSA CARDOSO

ESCREVIVÊNCIAS: ENFRENTANDO O RACISMO COTIDIANO

**MIRACEMA DO TOCANTINS - TO
2024**

Cristiane Ribeiro de Sousa Cardoso

Escrevivências: Enfrentando o racismo cotidiano

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Universitário de Miracema, para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia. Orientador: Prof. Drº. Francisco Gonçalves Filho.

Miracema do Tocantins, TO

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

C268e Cardoso, Cristiane Ribeiro de Sousa.
 Escrevivências: enfrentando o racismo cotidiano. / Cristiane
 Ribeiro de Sousa Cardoso. – Miracema, TO, 2024.
 31 f.

 Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –
 Câmpus Universitário de Miracema - Curso de Pedagogia, 2024.
 Orientador: Prof. Dr^o. Francisco Gonçalves Filho

 1. Escrevivência. 2. Mulher Negra. 3. Preconceito. 4. Racismo. I.
 Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

CRISTIANE RIBEIRO DE SOUSA CARDOSO

ESCREVIVÊNCIAS: ENFRENTANDO O RACISMO COTIDIANO

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Miracema, Curso de Licenciatura em Pedagogia foi avaliado para obtenção do título de Pedagoga e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data da aprovação: 24/06/2024

Banca Examinadora:

Profº. Drº. Francisco Gonçalves Filho, Orientador, UFT.

Profª. Drª. Daniela Vasco Santos. Examinadora, UFT

Profª. Drª. Luciane Silva de Souza. Examinadora, UFT

Profª. Dr. Antônio Miranda de Oliveira , Examinador, UFT

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me abençoado durante todo o curso.

À minha família, em especial ao meu esposo Carlos Robson, minha mãe que sempre me incentivou e deu muita força para eu não desistir.

Às minhas sobrinhas Thayna Rithiele e Débora; e à minha amiga Luciana.

Sou grata a todos e todas que sempre foram a minha base para que eu não desistisse.

Agradeço em especial ao meu Orientador Prfº. Drº. Francisco Gonçalves Filho, que com toda paciência e sabedoria soube me conduzir na escrita deste trabalho.

Agradeço especialmente à banca examinadora, pela consideração à leitura atenta deste trabalho, especialmente à Profª Drª. Daniela Vasco dos Santos, do Curso de Psicologia; à Profª Drª. Luciane Silva de Souza, do Curso de Pedagogia; e, ao Prof. Dr. Antônio Miranda de Oliveira, do Curso de Pedagogia.

E, por todos os envolvidos em minha formação, direta e indiretamente, do Curso de Pedagogia do Câmpus da UFT Miracema. Meu muito obrigado.

“O que mais ela gostava
Era ler, era escrever
Sendo maior passatempo
E registro do viver
Nas palavras mergulhava
Para assim sobreviver.

Como era catadora
Pelos lixos encontrava
O papel e o caderno
Que por fim utilizava
Como o famoso Diário
Onde tudo registrava”.

Tudo que assucedía
Na favela onde vivia
Carolina prontamente
Em relatos escrevia
Irritando seus vizinhos
E causando agonia”.

(ARRAES, 2021, p. 38-39: Carolina Maria de Jesus,
In Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis)

RESUMO

O estudo está voltado para as vivências e memórias que remetem à coletividade, forma popularizada sobretudo pela literatura de Conceição Evaristo. A metodologia utilizada foi a bibliográfica, que tem como base a coletas de dados a partir de artigos, livros e revistas científicas. No primeiro momento, lidamos com a experiência da escrevivência, o que também denominamos de escrevivendos das situações vividas em vários contextos, como em uma loja de roupas, em um supermercado, em uma escola. Em um segundo momento, relacionamos as escrevivências com as contribuições literárias de dois livros de Conceição Evaristo: Olhos D'Água e Becos da Memória. Nestas obras literárias, por meio de pequenos contos, a autora nos leva às histórias de vida, das mulheres negras em situação de violência. As histórias ou Contos de Conceição Evaristo proporcionaram o alcance dos objetivos da investigação no que se refere ao relato e análise crítica antirracista destas mesmas memórias, em vivências revisitadas, carregadas de preconceitos, discriminações e racismos.

Palavras-chave: Escrevivência. Mulher Negra. Preconceito. Racismo.

ABSTRACT

The study is methodologically based on experiences and memories that refer to the community. Method popularized mainly by the literature of Conceição Evaristo. At first we deal with the experience of writing, which we also call writing about situations I experienced, in various contexts, such as in a clothing store, in a supermarket, in a school. In a second moment, we relate the writings with the literary contributions of two books by Conceição Evaristo: *Olhos D'Água* and *Becos da Memória*. In these literary works, through short stories, the author takes us to the life stories of black women, the majority of whom are in situations of violence. The methodological contact with the revisited stories provided the achievement of the research objectives, with regard to the anti-racist critical report and analysis of these same memories, revisited, loaded with prejudice, discrimination and racism.

Keywords: Writing. Black woman. Prejudice. Racism.

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	8
2	ESCREVENDO: MEMÓRIAS DO SOFRIMENTO E DAS REAÇÕES AO PRECONCEITO Á DISCRIMINAÇÃO E AO RACISMO COTIDIANO	12
2.1	Escrevendo	12
2.2	Escrevendo memórias do mundo do trabalho	12
2.2.1	O trabalho em uma loja de roupas "isso é coisa de preto"	12
2.2.2	Ainda na loja de roupas: que " a <i>lingerie</i> ficaria apagada em mim ".....	14
2.2.3	Mais duas práticas discriminatórias nesta mesma loja e roupas: o racismo desmascarado	15
2.2.4	Os preconceitos vivenciados no trabalho em um supermercado	17
2.3	Escrevendo: Memórias do sofrimento no mundo escolar	18
3	ESCREVIVÊNCIAS	23
3.1	Quem é Conceição Evaristo ?	23
3.1.1	Escrevivência no livro "OLHOS D' ÁGUA"	24
3.1.2	Minhas escrevivências disparadas por "Olhos D' água"	25
3.2	O livro Becos da Memória	26
3.2.1	Minhas escrevivências disparadas por "Becos da memória"	27
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
	REFERÊNCIAS.....	31

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O racismo é uma das pautas mais presentes nas discussões atualmente, apesar de muitas vezes os casos serem abafados. A nossa ação deve ser contrária ao abafamento dos casos e de forma imediata. Este é um problema que vem sendo enfrentado de forma direta, as denúncias estão cada vez mais ativas e os embates se tornando mais firmes por parte da determinação das vítimas.

Contudo, apesar de ser um assunto muito discutido na contemporaneidade, ainda há índices muito altos de atitudes racistas. Essas são fundamentadas em um passado de escravidão, humilhação, racismos e violências de todos os tipos que estão entranhados na estrutura social e política da sociedade e vem causando ainda, muito sofrimento a muitas de nós, e em destaque neste estudo, à mulher negra, que o sofre cotidianamente. Na verdade, há uma cultura racista entre nós e que deve ser enfrentada, tanto individualmente, quanto coletivamente.

Historicamente, no Brasil, o período da escravidão teve seu início no século XVI, os negros eram vistos como objetos; sua mão-de-obra era forçada em que eram obrigados a atender às demandas dos portugueses que, inicialmente escravizou indígenas, e logo em seguida, negros e negras do continente africano. Neste período, de aproximadamente, mais de trezentos anos, o processo da escravatura foi massacrante e cruel, pois a quantidade de negros que foram trazidos durante séculos foi muito grande, de aproximadamente seis milhões de escravizados africanos, segundo Moura (1992).

A colonização portuguesa, do Brasil, por volta de 1530, era inicialmente voltada para a de exploração do pau-brasil e como este tipo de exploração precisava de mão-de-obra, os portugueses viram na escravatura, uma oportunidade de explorar a força dos indígenas e depois dos africanos. Assim, a partir de 1550 intensifica-se a captura da mão-de-obra a ser escravizada, dos negros que foram trazidos ao Brasil por meio dos navios negreiros. De início, além do pau-brasil eles trabalhavam obrigatoriamente com a produção de açúcar nos engenhos, onde sofriam violência física e psicológica. Os escravizados eram maltratados, sofriam acidentes ou violências diretas em que perdiam mãos e braços, não tinham um atendimento médico, não se alimentavam direito, dormiam no chão, eram vigiados o tempo todo para que não fugissem, alguns eram obrigados a utilizarem correntes, armaduras na boca, dentre outras atrocidades.

Os maus tratos aconteciam para que eles tivessem medo e não quisessem fugir. No entanto, muitos fugiam e lutavam pela sua liberdade, criando inclusive os lugares de refúgio e resistência negra chamados de quilombos, a exemplo do Quilombo dos Palmares, liderado por Ganga Zumba, Zumbi dos Palmares e Dandara dos Palmares, uma mulher negra, exemplo de liderança e luta no quilombo. Quilombo que durou mais de cem anos, resistindo com guerra à escravidão. Sobre a luta de Dandara, na defesa do Quilombo dos Palmares, escreve Arraes (2017),

Liderava os palmarinos
Lado a lado com Zumbi
Entre espadas e outras armas
Escutava-se o zunir
Dos seus golpes tão certos
Que aplicava bem ligeiros
Pra ferir ou confundir.

Certa vez, numa viagem
Sugeriu a invasão
Da cidade de Recife
No meio de um sopetão
E Zumbi ficou chocado
Até mesmo impressionado
Por tamanha ambição.

Não chegaram a completar
O seu plano audacioso
Mas notamos nesse caso
Um exemplo grandioso
Da braveza que mostrava
E Dandara assim reinava
Com Palmares orgulhoso.

ARRAES (2017, p. 50)

Após tanto sofrimento e resistência ao processo de escravidão, ocorreu a aprovação da Lei Áurea, assinada pela Princesa Isabel, em 13 de maio 1888, houve o fim da escravidão, depois de tanta luta, tanto sofrimento. No entanto, destacamos aqui outros elementos importantes que deram sustentação política e jurídica para essas ações da abolição, sem mexer nos privilégios da classe escravocrata que continuou e continua proprietária ilegítima da terra. Referimo-nos à Lei de Terra, aprovada em 1850. Vejamos, antes de 1888 (antes da suposta libertação dos escravos). As elites agrárias costumam uma lei que tem um artigo que diz que, pra ter acesso à terra somente por meio de compra. Ou seja, ela tornou a terra mercadoria (antes dessa lei não havia venda de terra no Brasil). A imensa população escrava e que foi libertada não podia ter acesso à terra, pois não tinha dinheiro. O ex-escravo agora “livre” é dono de seu corpo e está livre para vender sua mão de obra, no

mercado capitalista, que se modifica, ou se moderniza, atualiza, de um padrão escravocrata de relações de trabalho, para um padrão assalariado.

Enfim, no pós-abolição, nenhuma medida de reparação das desigualdades ocorreu para reparar o direito à terra, ao trabalho, à educação escolar, saúde, etc; dos negros e negras recém libertos da escravatura, e muito menos reparação. ainda no primeiro século da República proclamada um ano depois da abolição; em 1889; colaborando ainda mais para o preconceito racial, a discriminação e o racismo contra os negros e negras em todo o país.

Outras formas de racismo foram as políticas públicas de incentivo à imigração europeia para substituir a mão de obra negra (branqueamento e aniquilação da população negra), seguida por muitos anos, de forma escamoteada, escondida, por um conjunto de ideias na afirmação do mito da democracia racial brasileira.

De acordo com Carneiro (1995)

O Brasil sempre procurou sustentar a imagem de um país cordial, caracterizado pela presença de um povo pacífico, sem preconceito de raça e religião. Durante anos alimentamos a ideia de que vivíamos uma verdadeira democracia racial, apesar das visíveis desigualdades e limites de oportunidades oferecidas aos negros, mulatos, índios e ciganos. Sempre interessou ao homem branco a preservação do mito de que o Brasil é um paraíso racial, como forma de absorver as tensões sociais e mascarar os mecanismos de exploração e de subordinação do *outro*, do *diferente*. (CARNEIRO, 1995, p. 5).

Para desfazer esse mito foi necessário que o movimento negro voltasse a falar de raça, novamente, mas em outra visão, que não a do racismo. Segundo Senkevics (2016),

(...) falar de raça não significa evocar sua histórica e infeliz definição, muito menos fazer apologia de seus maus usos, e sim reconhecer sua importância como conceito analítico para iluminar desigualdades, valorizar identidades, enfrentar o racismo e promover transformações na sociedade (SENKEVICS 2016, p.41).

O racismo é uma prática criminosa de tratamento do outro como pessoa inferiorizada por ser negro ou negra. A prevenção é o primeiro passo. Mas também a punição exemplar aos racistas para que existam consequências para quem comete um ato racista. Esse processo de inferiorização aumenta as desigualdades e causa traumas terríveis às pessoas negras, em especial, à mulher negra, que sofre essa violência duplamente, por ser mulher e negra.

Neste trabalho, optamos pelo relato, testemunho e reflexão crítica desta experiência com o racismo, isto é, vivendo cotidianamente o racismo, agora também enfrentado pela escrita refletida desta experiência, o que chamamos neste trabalho de escrevivendos.

Vejamos o relato, testemunho, no texto, de algumas das minhas vivências, como mulher negra sofrendo o racismo no mundo do trabalho, da saúde, da educação, da família, etc; que mesmo com alguma formação escolar, testemunho diversas passagens dolorosas com o preconceito, com a discriminação, demonstrando que o racismo de fato é estrutural, isto é, permeia toda a sociedade e precisa continuamente ser enfrentado. Para essa escrita recorri a uma forma de expressão denominada por Evaristo (2018) de escrevivência.

Assim, na seção um (1) realizo os meus escrevivendos, isto é, com base na memória vou relatando e analisando as experiências de sofrimento com o racismo no mundo do trabalho (seja na loja, no supermercado, na escola, entre outros).

Já na seção dois (2) realizo os meus escrevivendos em diálogo com as escrevivências de Conceição Evaristo, destacadamente, em duas de suas obras: Olhos D'Água e Becos da Memória.

2 ESCRIVENDO: MEMÓRIAS DO SOFRIMENTO E DAS REAÇÕES AO PRECONCEITO, À DISCRIMINAÇÃO E RACISMOS COTIDIANOS

2.1 Escrevivendo

A palavra escrevivendo tem semelhança com a palavra escrevivências. Para mim, é uma escrita que nasce dos relatos das experiências, da realidade da própria pessoa, ou seja, contar histórias particulares que incluem suas lembranças e que se torna o autor protagonista da sua história (escrevivendo) e/ou, do seu conto (escrevivência).

Para Conceição Evaristo (2018), escrevivência é a união de duas palavras, escrever e vivência. Ela coloca este termo a partir de sua realidade, uma mulher negra inserida em uma sociedade preconceituosa, e ainda destaca que não se trata apenas de um relato da sua própria experiência, mas que envolve a coletividade.

Assim, a palavra escrevivência está para além do que muito se imagina, pois esta experiência nasce do dia-a-dia, das relações interpessoais que temos com o meio e também a relação que temos conosco mesma, ao revisitar, refletir, por meio das memórias, essas experiências.

Desta forma, nosso texto procura expressar a escrita das vivências com o racismo cotidiano, com o preconceito e a discriminação no mundo do trabalho, da escola, da família, etc; refletidos por meio da crítica reflexiva e da perspectiva do seu enfrentamento, a exemplo dos contos da escritora Conceição Evaristo, com sua metodologia da escrevivência.

2.2 Escrevivendo memórias do mundo do trabalho

2.2.1 O trabalho em uma loja de roupas: “isso é coisa de preto”

Trabalhei em uma loja de roupas há muitos anos atrás, houve um acontecimento em que me senti muito ofendida e que foi uma forma de preconceito.

A mulher que era minha chefe pediu que as colegas de trabalho fossem etiquetar umas roupas, assim, ela as viu realizando o trabalho das etiquetas por cima da roupa. Daí ela (a chefe) disse que ficaria feio daquele jeito e iria rasgar. Mas, ela esqueceu que foi ela mesma quem ensinou a fazer daquele jeito. Quando a ouvi

reclamando cheguei perto do local do ocorrido e fiquei próximo ao balcão, para observar se o que as meninas fizeram fora da forma com que a chefe tinha ensinado.

Ao observar, ela começou a soltar ofensas para as colegas, que assustadas, não tiveram nenhuma reação, diferente de mim. De repente, ouço palavras de ofensa racial: que estávamos fazendo serviço de preto!

Fiquei indignada. Por que somente pretos faziam, na visão dela, serviços deste tipo? Senti-me ofendida, minha raça desrespeitada. Fiquei me perguntando o porquê das coisas, quando dão errado, colocarem a culpa em pretos?

Se não fossem os pretos, muitas conquistas não teriam acontecido no Brasil e no mundo. Levei a culpa por algo que não fiz e saí com raiva e dizendo: me dá licença que a preta está saindo.

Logo, fui para o banheiro me acalmar e quando voltei estava melhor e a dona, junto com a filha, veio pedir desculpas, alegando que na casa dela, às vezes, ela falava assim com as filhas. Porém, as filhas são brancas. Fiquei olhando para ela com um sentimento de desprezo e indignação, pois não gostei da fala. Mas penso que, ela veio pedir desculpas porque ficou com medo da minha possibilidade de a denunciar. O preconceito ou discriminação racial, segundo Carneiro (1995), é um

(...) conceito ou opinião formados antecipadamente, sem conhecimento dos fatos. É uma ideia preconcebida e desfavorável a um grupo racial, étnico, religioso ou social. Implica aversão e ódio irracional contra outras raças credos, religiões, etc.”; e “Discriminação racial – Tratamento desfavorável dado a uma pessoa ou grupo com base em características raciais ou étnicas. Por exemplo, impedir uma pessoa de assumir um emprego por não ser branca é um ato de discriminação. (CARNEIRO, 1995, p.6).

No relato sobre a loja de roupas considero que, com base nessa autora, eu sofri um preconceito e uma discriminação racial, em que fui julgada pela cor da minha pele e não por aquilo que sou, pela minha personalidade, minha identidade, pelo meu caráter. A sociedade branca, construtora e mantenedora do colonialismo tem um conceito formado antes de conhecer a pessoa negra, julgam primeiramente pela pele. Estamos diante de uma sociedade que o preconceito é praticado por muitas pessoas, mas que na maioria das vezes fica oculto, e ele se estampa quando o opressor percebe o seu melhor momento para tomar atitudes racistas e auferir palavras negativas e preconceituosas.

2.2.2 Ainda na loja de roupas: que “a *lingerie* ficaria apagada em mim”

Outro episódio aconteceu nesta mesma loja.

Estava atendendo e observando o movimento, quando atendia uma cliente atrás de uma arara de roupa e escutei a dona da loja conversando com uma funcionária, falando que a *lingerie* ficaria apagada em mim. Mas, não entendia o porquê de terem mencionado meu nome e daquele jeito. Entretanto, a cliente que eu estava atendendo e que também ouviu, me aconselhou a denunciar a chefe (dona), pois ela não podia me ofender daquela forma. Mas, só respondi que iria deixar pra lá e que não iria denunciá-la.

A cliente logo em seguida saiu e fui conversar com a chefe. Falei para ela que a ouvi falando sobre mim; e que estava ali para respondê-la. Falei que talvez seria ruim se a *lingerie* tivesse vindo na cor preta e não na cor amarela, pois eu só uso assim. E ela me respondeu que falou mesmo, mas que não foi com preconceito. E eu respondi que tinha certeza que ela foi preconceituosa sim, e novamente falei que só usava daquela forma, saindo para atender outro cliente.

Hoje, analisando a situação, verifico ainda mais a gravidade da questão, pois a dona da loja quis dizer que não é qualquer cor, qualquer roupa que combina com pessoas de pele preta, que pessoas com peles escuras tem limites com cores, com modelos, com preços, dentre outras nomenclaturas preconceituosas. Segundo o Estatuto da Igualdade racial, no parágrafo único do art.1º, inciso I, diz que,

I – discriminação racial ou étnico-racial é toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnicas que tenha por objeto anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada. (Lei 12.288/2010)

No relato acima, verificamos que a dona da loja foi preconceituosa e discriminou quando ela verbalizou tentando anular a minha escolha de usar ou não, uma roupa que eu desejasse e se colocou diante de uma situação em que a igualdade de direitos e oportunidades, na prática, não está existindo para os negros, pobres, indígenas, etc; enfim, para quem não é branco e rico.

2.2.3 Mais duas práticas discriminatórias nesta mesma loja de roupas: o racismo desmascarado

Conheci uma mulher nessa mesma loja e nos tornamos amigas. Inclusive, até hoje temos contatos, apesar desta mulher morar em outra cidade. Sempre tive vontade de fazer uma faculdade e essa amiga me aconselhou a fazer a inscrição no vestibular, inclusive ela me ajudou a fazer a solicitação de isenção da inscrição. E passei no vestibular, ficando feliz com o resultado.

Todavia, escutei da dona da loja que eu só havia passado no vestibular devido as cotas; que se fosse por ampla concorrência eu não teria conseguido passar. Esta fala me fez um mal tão grande que tranquei o curso e não voltei mais, era um curso muito bom de Assistente Social.

Em outro momento, quando já havia passado algum tempo deste episódio, também para mostrar à dona da loja que eu era capaz de fazer uma faculdade e ter uma profissão, me inscrevi no ENEM e passei para o curso de pedagogia, por meio das cotas e da isenção da inscrição. Um curso que fiquei apaixonada, apesar de dizer anteriormente, que não faria mais faculdade. As cotas conquistadas pelo movimento negro para o ingresso e permanência na educação superior, instituídas pela Lei 12.711/2012 e atualizadas dez anos depois pela Lei 14.723/2023 representam uma conquista significativa do movimento negro para a reparação ao direito à educação superior das populações historicamente excluídas na sociedade brasileira.

Hoje me sinto uma pessoa empoderada, no sentido antirracista (conforme Ribeiro, 2019); mas nem sempre foi assim, pois para a superação tiveram pessoas que me apoiaram e incentivaram uma nova tentativa e retorno ao sonho de fazer uma faculdade, viram potencial em mim, que nem eu mesma via.

Sobre racismo, segundo Carneiro (1995),

(...) Muito mais que apenas discriminação ou preconceito racial, é uma doutrina que afirma haver relação entre características raciais e culturais e que algumas raças são, por natureza, superiores a outras. As principais noções teóricas do racismo moderno derivam das ideias desenvolvidas por Arthur de Gabineau. O racismo deforma o sentido científico do conceito de raça, utilizando-o para caracterizar diferenças, religiosas, linguísticas e culturais. (CARNEIRO, 1995, p. 6).

Concordamos com a definição de racismo da autora e verificamos que a dona da loja foi racista, pois me considerou uma pessoa inferior, por ser negra. Muitas vezes

pessoas preconceituosas tem um discurso racista e discriminatório, onde considera a cor da pessoa, ao invés do caráter.

O Estatuto da igualdade racial, no parágrafo único, do art.1º, inciso VI, diz que são "ações afirmativas: os programas e medidas especiais adotada pelo estado e pela iniciativa privada para a correção das desigualdades raciais e para a promoção da igualdade de oportunidades" (Lei 12.288/2010); vejo que, por conta desta conquista do movimento negro tive duas oportunidades de entrar na universidade devido a lei complementar que garantiu essa oportunidade, a da isenção e das cotas através da Lei complementar 12.711/2012.

Ainda, na mesma loja fiquei atendendo um cliente para minha colega mostrando as mercadorias, enquanto ela teve que se ausentar uns minutos. Logo depois, fui conversar com ela e a escutei comentando com as colegas do serviço, que ele tinha gostado muito do meu atendimento, mas que tinha feito um comentário preconceituoso, falando que eu era bem educada e bonita, que não tinha muito a face de uma pessoa preta, que eu tinha uma boa comunicação e que era fluente.

Fiquei pensando que ao mesmo tempo que me elogiou, ele foi preconceituoso e não se importou de que estava machucando uma pessoa, que sempre é julgada pela cor, assim, entendi que ele quis dizer que preto é burro, não sabe conversar, que não tem educação e dentre outros julgamentos pejorativos e racistas, que no seu entendimento, de que eu não tinha muito a face de uma pessoa preta, está o sentido do branqueamento da população preta para que se torne digna de seu reconhecimento. Como já dizia Abdias Nascimento, no fundo querem a liquidação da raça negra. Vejamos o autor, na obra: O Quilombismo. Segundo Nascimento (2023),

O crime do estupro sexual acometido contra a mulher negra-africana pelo branco ocorreu através de gerações. Até os filhos mulatos, herdeiro de um precário prestígio de seus pais brancos, continuaram a prática dessa violência contra a negra. Como se para aliviar a consciência de culpa, os estratos dominantes ário-masculinos assumem o mulato como uma espécie de chave para a solução do nosso problema racial: na prática, isso significa o princípio da liquidação da raça negra simultaneamente com o embranquecimento da população. (NASCIMENTO, 2023, p. 260)

A seguir relato esse sofrimento no trabalho em um supermercado.

2.2.4 Os preconceitos vivenciados em um supermercado

Outro emprego que tive foi em um supermercado. Foi meu primeiro emprego de carteira assinada, fiquei tão feliz pelo emprego, por ser preta e pobre me sentia muito bem trabalhando em um mercado, entretanto, com o passar do tempo fui presenciando o preconceito que ali ocorria.

Um certo dia, estava trabalhando e o dono veio conversar comigo, falando que quando eu cheguei para trabalhar ele me olhava e não dava nada por mim e que, com o passar do tempo, ele viu o meu trabalho. Ele falava também que pensou que eu não ia conseguir dar conta do serviço, por eu ser magrinha e preta, que pessoas como eu, eram burras. Hoje eu sei que suas palavras expressavam o seu preconceito contra as pessoas negras.

Trabalhei nesse mesmo supermercado por mais de 6 anos e passei por algumas experiências ruins. Uma delas foi ser chamada de burra, pois vieram dizer que eu tinha recebido uma nota de cinco reais rasgada. Esperava que, ao menos, tivessem me perguntado, mas logo foram me acusando, ao invés de saber o que realmente tinha acontecido.

Ele disse que não sabia que não era eu quem tinha ficado naquele caixa, naquele dia. Depois, veio me pedir desculpas e falei para ele que, antes de acusar e sair julgando, procurasse saber realmente o que tinha acontecido de fato. Daí, logo eu fui para o caixa que eu estava e ele veio atrás de mim para tentar remediar o que já não tinha mais remédio. Falei para ele que trabalhei tantos anos no mercado e nunca tinha acontecido de pegar notas rasgadas ou falsas, e que para falar de algum funcionário ele tinha que ter provas; e disse ainda, para ele me respeitar.

Segundo Nascimento (2023),

A mulher negra sempre teve a imagem atrelada a uma pessoa que só serve para atividades domésticas, para servir as pessoas, e jamais poderia pensar em requerer direitos, afinal, talvez nem saiba que teria. (NASCIMENTO 2023, p. 264-265)

Ainda neste mercado, uma vez fui atender um menino negro, com short meio rasgado e sem camisa. O menino entrou e foi pegar uma muçarela e um presunto, contudo, seu dinheiro não deu para pagar e ele foi devolver o presunto. Ao passar pelo dono do supermercado para devolver, ele foi abordado pelo meu patrão, que foi logo o revistando e perguntando o que ele tinha roubado.

O menino (negro), todo sem jeito, disse que não tinha roubado nada. E eu reafirmei que ele não tinha pego nada. Daí, que o dono parou os insultos e, após revistá-lo, eu cheguei e falei que se fosse meu filho eu iria denunciá-lo ou ser agressiva com ele (o patrão), que até poderia perder a minha razão. E ele disse que nunca tinha me visto tão alterada, mas com razão. Refleti que todo o preconceito que já sofri, não suportaria mais ver preconceito, nem comigo e nem com ninguém.

Ainda trabalhando no mesmo mercado fiquei muito doente e fui fazer uns exames no hospital de Miracema. Chegando lá fiquei na fila e logo uma mulher me abordou perguntando onde eu trabalhava. E eu respondi que no Mercado, e a mesma me olhou de cima embaixo com desdenha, falando: na limpeza?

Respondi com toda educação, não, no Caixa. Porquê? e ela fala não, nada não.

Mas eu sei que ela pensou que eu estava mentindo pois ficou cochichando com outra pessoa e me olhando. Naquele momento o mercado estava no auge. Sei que a maioria das pessoas brancas não conseguem ver ou aceitar pessoas pretas em algum cargo que não seja o da limpeza.

2.3 Escrevendo: Memórias do sofrimento no mundo escolar

Sou de Miranorte, Tocantins, vivi na cidade até meus 6 ou 7 anos. Após essa idade, mudei para Miracema com minha família e aconteceu um episódio em minha vida que me marcou bastante, na escola. Pois, era uma criança de baixa renda, me senti excluída das outras crianças, pois as mesmas tinham mais condições, com vestimentas alinhadas; lanches para levarem todos os dias, e eu levava apenas bananas. As crianças iam bem vestidas, bem arrumadas, enquanto eu tive que usar o uniforme costurado pela minha mãe com o tecido que a minha madrinha me deu, não era lá estas coisas, mas dava para usar.

As crianças ainda tinham a lancheira e cheia de lanches. Eu só tinha o lanche e me sentia inferior, porque as outras crianças tinham a lancheira e uma comida adequada.

E me lembro ainda, que no primeiro dia de aula, cheguei na escola com meu irmão Adão. Ele me levou em sua bicicleta. Os outros alunos chegavam de carro. Chegando lá, meu irmão me deixou no portão para que eu entrasse. Quando cheguei me senti tão pequena e inferior, mesmo sendo criança, senti que as outras crianças

estavam me observando, pois estava com duas bananas na mão e eles com suas lancheiras, me senti constrangida, joguei as bananas no chão e chorei muito.

Em seguida, veio uma professora em minha direção, perguntou o que eu tinha e pegou as bananas do chão. Ela conversou comigo e me confortou, dizendo que meu lanche era bom e gostoso como dos outros colegas. E disse que eu não ficasse assim, me levou para a sala de aula.

Esta situação constrangedora se relaciona com o preconceito, pois as outras crianças ficavam sorrindo por sermos mais pobres e o lanche era diferente. Havia piadas, e eu me sentia um patinho feio, por ser a pessoa mais negra da escola. Esta professora sempre me defendia, e só tenho a agradecê-la, ela conversava comigo e era muito atenciosa. Por fim, não é de hoje que sofro algumas retaliações por causa da minha cor.

Em outra escola, já com sete anos, também vivi esses constrangimentos. Sou filha de pais negros, lavradores, com a descendência de negros, índios e brancos.

Na idade dos meus sete anos Miracema era a capital do Tocantins, e nesta escola fiz o ensino fundamental completo (1º à 8ª série). Entretanto, foi nela que sofri o preconceito de uma professora, que não gostava de mim, certamente, por eu ser negra. Sofri muito, e sempre calada, guardei tudo para mim e essa professora ainda me reprovou. A questão não foi ela ter me reprovado, mas ela me julgar por minha cor. E quando ela tinha algum problema ela descontava em mim, e hoje tenho a noção de que, o que ela fazia era racismo e mexia muito comigo e com meus sentimentos. Os comentários dela e seus distanciamentos da minha pessoa me afetavam muito.

No ano seguinte entrou uma nova professora, negra como eu, que foi uma benção em minha vida, teve toda paciência comigo, me ensinou a ler e escrever e sempre me incentivava a ser uma pessoa melhor, lembro dela me aconselhando, falando as coisas comigo. Sou muito grata a ela e feliz por tê-la encontrado recentemente.

Outra experiência com os processos racistas aconteceu nesta mesma escola. Foi uma situação muito difícil, conheci uma professora que me deu aula no primeiro ano. Eu a reencontrei no terceiro ano e em determinado dia ela entrou onde estávamos, em um local que ocorria uma palestra sobre higiene bucal.

Ela entrou com uma outra professora e fez um comentário muito absurdo e que foi de muito preconceito. Anteriormente eu não tinha noção do que era, porem analisando hoje, eu consigo ter a plena certeza do que acontecia.

A professora perguntou porque eu estava na 3ª série? E a professora da terceira série respondeu: e porque não? E ainda complementou, indagando-a, do porque estava falando deste jeito comigo.

Apesar de não compreender a questão, naquele momento, me lembro desta atitude e me senti muito pequena. Fiquei pensando o porquê de a professora estar falando assim sobre mim, pois nunca fiz nada a ela e me senti menosprezada da forma com que ela falou sobre mim. Sempre fui uma aluna quieta, na minha, tive poucos amigos e hoje me pergunto porque a professora não gostava de mim? Mas é como eu disse anteriormente, ela não gostava de mim e isto me deixava muito pensativa.

O mais intrigante dessa história é que ela é minha colega, e eu a trato muito bem. Creio que ela não se lembra muito desta situação que ela me fez passar. Ela mora perto da minha casa. Não sei se na época em que ela me aferiu palavras preconceituosas, ela estava passando por alguma situação difícil e jogou as frustrações em cima de mim. Entretanto, sempre soube que ela não gostava de preto, por preconceito e racismo. Daí penso: e se isto continuou e continua acontecendo com outras crianças pretas?

Espero que minha história possa servir de exemplo, pois para nós negras e negros a memória é fundamental. Segundo Nascimento (2023), essas violências,

(...) jamais se apagarão da memória dos afro-brasileiros. Sabemos que erradicar a memória, suprimir a lembrança da história do negro-africano e de seus descendentes, tem sido uma constante preocupação da elite que dirige o país. Mas os negros sabem que sem história, sem passado, não poderá existir um futuro para eles. Futuro que o negro terá de construir desde os escombros da desgraça que pesa sobre sua cabeça. Suprimir a lembrança é um escapismo fácil, no perdão e no esquecimento, do martírio dos africanos e de seus descendentes, dos crimes cometidos principalmente no corpo e o espírito das mulheres (...). (NASCIMENTO 2023, p. 268)

Os negros sabem que a consciência da história vivida no passado e no presente, pode fazer com que exista um futuro, mesmo que em pedaços e sobrecaído em suas dores, é preciso reconstruir sempre que necessário, pois em toda queda há um levantar.

Nesta perspectiva, as conquistas do movimento negro, materializadas na atual legislação étnico-racial, amparam e fornecem as bases da luta por reparação na sociedade.

Nesta mesma escola, fiz a quarta série. E aconteceu mais um episódio de racismo, que me deixou pra baixo. Havia uma professora com uma certa distância

comigo, e das outras pessoas pretas na sala de aula. Esta professora me tratou de uma forma muito ruim. Eu estava na aula e ela pediu que eu fechasse um livro que estava olhando. Em seguida, bateu com o apagador no meu braço. Chorei e abaixei a cabeça.

A professora também pediu para um aluno que estava em pé na porta da sala que entrasse e ele não obedeceu. Então, pegou o apagador e jogou nele. Ele se abaixou e pegou o apagador acertando nela, em cheio.

A professora nem foi reclamar porque ela jogou nele primeiro e bateu com o apagador em mim também. Ela zangada falou muitos desaforos pra ele e falou com palavras racistas. Neste dia cheguei em casa triste e minha mãe perguntou o que tinha acontecido e eu falei:- nada! Uma colega me perguntou se eu havia dito para a minha família; e falei que não e ainda pedi que minha colega falasse baixo, para que minhas irmãs e toda família não escutassem, pois isto daria muito problema e elas iriam na escola bater na professora e tirar satisfação.

Quanto a professora, apesar do que fez comigo eu preferi não contar sobre o racismo ou violência que sofri para que não desse mais problemas, eu tinha somente 11 anos. E me coloquei no lugar dela. Hoje vejo que a professora falava palavras racistas e sempre mencionava que nós alunos não seríamos nada na vida. Sofremos muitos preconceitos pois a professora não gostava de alunos pretos.

Atualmente, como universitária, aluna do curso de pedagogia comecei um estágio na mesma escola que estudei o ensino fundamental. Com mais ou menos três dias de estágio teve um fato que me incomodou bastante com a fala de uma professora.

Fui procurar orientação com uma pessoa superiora na escola, sobre um determinado assunto que ocorreu em sala de aula. Sua resposta foi logo dizendo: o que eu queria e estava pensando, se eu estava estagiando para alunos de periferia, que eram alunos de pais drogados, presos, etc.? A professora, superiora, também ressaltou que os alunos agem dessa maneira porque os pais não os ajudam de maneira alguma. Fiquei muito decepcionada, pois, como futura pedagoga foi uma atitude de desmotivação, ouvir de uma professora comentários racistas e preconceituosos. Esperei ela falar o que quis.

Em seguida falei que nem toda pessoa que vivia naquele setor, era uma pessoa ruim. Falei que vivi desde os meus sete anos de idade naquele lugar, próximo a escola, realizando nela, todo o ensino fundamental. Assim, não me tornei uma

marginal por isso; e sim, uma pessoa de valor, que sabe correr atrás dos objetivos e que, se sou o que sou foi pelas vivências e aprendizados naquele lugar.

Em outra situação, como aluna, na universidade, um professor passou um trabalho para a turma. Chegou o nosso dia de orientação e o professor fazia perguntas para o grupo. Então, quando terminamos a orientação, essa colega passou o tempo todo do horário livre me fazendo perguntas, duvidando do meu entendimento: você entendeu? você vai dar conta?

Hoje, me pergunto o porquê dessa pessoa ter agido dessa forma e vejo que ela foi preconceituosa comigo. Pois insinuava que o professor tinha algo comigo, algum interesse afetivo, pois ela não reconhecia os meus conhecimentos. Fiquei muito indignada por ela pensar dessa forma, pois o professor nos tratava igual, não só eu e ela, mas a todos da turma, mas ela continuou falando a mesma coisa. Fiquei pensando o tanto que ela foi racista; pois a partir daí ela não quis mais fazer trabalho comigo.

Ainda na universidade ocorreu uma outra situação de preconceito.

Em sala de aula, duas colegas falaram em público que tinham vergonha de mim ao irem para a faculdade, pois eu me apresentava com um calçado e uma roupa diferente, toda elegante, todos os dias. Expliquei que gostava de me arrumar e que atualmente trabalhava e ganhava um salário suficientemente para isso. A professora se manifestou concordando comigo.

Na verdade, a minha cor preta de pele, novamente entrou para servir de preconceito. Pois quando eu era criança, pobre, sem lancheira, sem as roupas alinhadas e sem os lanches era humilhada; e agora, que a situação mudou, continua a tentativa de humilhação, por meio de práticas preconceituosas. Pois, elas não estão preocupadas com suas formas de vestimentas e de calçados e sim, que uma negra não pode ser ou ter o que a branquitude é ou tem.

A seguir, continuamos com nossos depoimentos, mas agora inspirados pelos contos de Conceição Evaristo. Dos nossos escrevimentos passamos para as escrevivências.

3 ESCREVIVÊNCIAS

3.1 Quem é Conceição Evaristo?



Fonte: <https://www.dmtpalestras.com.br/palestrante/concecao-evaristo/>

Segundo Warley Souza¹; Conceição Evaristo (Maria da Conceição Evaristo de Brito) nasceu em 29 de novembro de 1946, em uma favela de Belo Horizonte, em Minas Gerais. Era filha de dona Joana, uma lavadeira e passadeira que estimulou a escritora a estudar. Com outros oito filhos para criar, a mãe permitiu que a menina, com sete anos de idade, fosse morar na casa de um casal de tios.

A romancista estudou em escola pública, trabalhou como empregada doméstica e, em 1971, terminou o curso de magistério ou Curso Normal. Mas só conseguiu emprego como professora, em 1973, após prestar concurso público, quando se mudou para o Rio de Janeiro.

Mais tarde, em 1987, a autora ingressou na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 1990, publicou seus primeiros poemas na série *Cadernos negros*, do grupo Quilombhoje.

Já em 1992, iniciou seu mestrado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. O tema de sua dissertação foi a literatura negra. No ano de 2003, a mestra publicou seu primeiro romance: *Ponciá Vicêncio*. Anos mais tarde,

¹ SOUZA. Warley. **Conceição Evaristo**. Disponível em: <https://www.portugues.com.br/literatura/conceicao-evaristo.html> Acesso em 08/06/2024.

entre 2008 e 2011, cursou o doutorado na Universidade Federal Fluminense, onde aprofundou seu conhecimento sobre a literatura angolana e a afro-brasilidade.

Em 2012, Conceição Evaristo ministrou cursos sobre a “escrevivência de mulheres negras” e “inscrições de afro-brasilidade” no Middlebury College Summer Schools, nos Estados Unidos.

Conceição Evaristo recebeu os seguintes prêmios: Prêmio Camélia da Liberdade (2007); Prêmio Ori (2007); Prêmio Jabuti (2015). Em 2018, Conceição Evaristo tentou ser a primeira mulher negra a ingressar na Academia Brasileira de Letras. Mas, apesar do apoio popular que gerou dois abaixo-assinados com milhares de assinaturas, os membros da ABL decidiram não eleger a escritora para ocupar a cadeira número 7, que tem como patrono o escritor abolicionista Castro Alves (1847–1871).²

3.1.1 Escrevivência no livro - Olhos D' Água

O livro de contos: Olhos D'água, foi publicado em 2014, traz 15 pequenas e profundas histórias, de mulheres negras que vivem em situações precárias em favelas, vivenciando as problemáticas da vida em situação de miséria, sofrendo violências de vários tipos, crianças em situações extremamente precárias, dentre outros.

Algumas histórias são trágicas e terminam em morte. Existem algumas histórias que contam sobre situações em que moradores precisavam pegar ônibus e esperar por muito tempo o transporte, mesmo com todo o cansaço e o altíssimo valor da passagem.

Muitas dessas histórias de mulheres negras aconteceram e acontecem de fato por serem pessoas que vivem em situações e lugares obrigados, por falta de opções (favelas, ou qualquer outro lugar nas periferias ou grandes centros). A autora também descreve histórias de crianças, de homens e de mulheres. São histórias tristes que deixam o coração dilacerado. A exemplo do coração de uma mãe que queria apenas transmitir o recado do seu pai, e que fora destruído e machucado. Pergunta-se: e se fosse de uma mulher branca, teria tido o mesmo fim? Creio que não.

São histórias de violência contra a mulher, estupro, filhos oriundos de estupros,

² <https://www.portugues.com.br/literatura/conceicao-evaristo.html>

violência física. Muitas são as tristes histórias que permeiam a vida de mulheres, homens, crianças que moram na favela ou em qualquer lugar em situação de vulnerabilidade. Histórias que são contadas em cada página deste livro de contos, e que nos tiram de nossas “bolhas”, do nosso “mundinho” e nos fazem ver as realidades que não são alheias à nossa, enfim, à nossa própria história de violência sofrida com o racismo.

A realidade vivida por cada personagem está carregada de um sofrimento advindo de pessoas racistas: de desprezo, preconceito, desigualdade social. O livro nos ajuda a refletir sobre a nossa própria realidade.

3.1.2 Minhas escrituras disparadas por “Olhos D’ água”

No livro de Evaristo (2014), Werneck, na introdução da obra nos chama a atenção para os contextos de sofrimento da mulher negra. Vejamos.

A mulher negra tem muitas formas de estar no mundo (todos têm). Mas um contexto desfavorável, um cenário de discriminações, as estatísticas que demonstram pobreza, baixa escolaridade, subempregos, violações de direitos humanos, traduzem histórias de dor. Quem não vê? (WERNECK, apud EVARISTO 2016, p.13)

Em minha história ou melhor: em minhas escrituras digo que, quando fiz uma viagem para São Paulo, um fato me marcou bastante, me deixou pensando como existem pessoas iguais aos personagens do livro de Conceição Evaristo; pessoas extremamente preconceituosas.

Cheguei em São Paulo e fomos almoçar, eu, minha filha e meu neto, onde presenciei duas situações de uma família com o pai, a mãe e dois filhos pequenos que moravam em uma praça, as crianças não podiam se aproximar, pois arrancavam olhares de nojo.

Outra história foi de um mendigo, que dormia na porta de uma loja e comia sua marmitta. As pessoas olhavam para ele com nojo e desprezo, e muito menos queriam saber o porquê de ele estar ali, naquela situação; somente olhavam com discriminação.

Da história de Maria, do livro Olhos D’ água, lembro que a minha sogra contava sobre um assalto que aconteceu quando ela viajou; entraram alguns assaltantes no ônibus e levaram o ônibus para uma estrada de chão, um deles passou pedindo para

que todos passassem o dinheiro, jóias, o que tivessem portando. A minha sogra não tinha nada, pois viajou somente com o dinheiro da passagem e o assaltante, já irritado chegou perto da minha sogra e disse que não a mataria porque parecia muito com a mãe dele. Logo em seguida saiu falando para todos esperarem alguns minutos até tirarem o ônibus da estrada.

Já na história - Quantos filhos Natalina tem, do livro Olhos D' água, lembrei de uma amiga que veio de quatro gestações e engravidou de novo. Ela ficou preocupada e como não queria filho, fez chás, iguais na descrita do livro, fez a mesma coisa que cita no texto sobre os chás abortivos.

Ela fez o chá e tomou e funcionou mesmo. Mas, após alguns anos engravidou de novo e foi fazer a mesma coisa. Contudo, com essa gravidez, já não funcionou e nasceu a criança, por sorte: forte e saudável. Hoje ela tem cinco filhos. Por sorte, pois, a tentativa abortiva, quando não acontece, pode influenciar na formação da criança. Outra consequência deste processo.

Quanto a história "Di lixão": ao ler a história contada no livro vagueei em minhas lembranças. Lembrei do meu pai que, por sua ignorância, vivia tendo dor de dente e zangado batia no dente e dava puchões. Minha mãe, ao contrário, sempre o aconselhando: Raimundo não faz assim, esse dente vai infeccionar e criar pus. Ele nunca a escutava e foi com os avisos de minha mãe que o pior aconteceu: o dente infeccionou e como nós vivíamos longe da cidade ele teve que se arranjar por lá mesmo, com minha mãe fazendo remédios caseiros. Felizmente, assim que ele melhorou, reconheceu que foi errado, ignorante e pediu desculpas.

3.2 O Livro "Becos da Memória"

O livro escrito em 1987 teve sua publicação somente em 2006. Nessa obra a autora denomina o termo escrevivência, como a união entre a escrita e a realidade, isto é, a vivência; é um livro de história advindas da memória. Dos seus becos (memórias) despertamos outros becos, outras memórias.

Maria Nova, por exemplo, é uma menina muito atenciosa e inteligente, bem como algumas pessoas como Beto, Ditinha, Dora, Negro Alírio que precisam ir embora, em busca de uma vida diferente da que tem, de condições melhores. As histórias, ora são contadas pela autora se colocando nelas; e ora colocando a história na terceira pessoa, dando assim, um sentido forte às mesmas.

Conceição Evaristo menciona que nem tudo que está no livro é verdade, mas nem tudo que está no livro é mentira. São inspirações da vida real, em obra de ficção. Desta forma, o livro é um romance com divisões, que tem pedaços de vida de um personagem ou outro, a cada história contada elas vão se entrelaçando e os personagens se repetem ao longo do livro.

A obra tem como questão a vida conturbada que ocorre nesta favela onde estes personagens vivem. Conceição retrata várias histórias, com vários pontos de vista, de certa forma, complementares.

A autora traz várias abordagens, como a dor, a tristeza, o preconceito, a beleza negra, a negritude, dentre outras. Os personagens são moradores da favela, negros e pobres. As realidades são duras, em que as pessoas precisam sair de suas casas, com valores monetários muito pequenos, praticamente com uma mão na frente e outra atrás.

Enfim, as histórias contadas fazem parte de uma realidade que existia naquela época e que existe até os dias atuais, histórias de sofrimento, dos mais diversos tipos de abusos e violências.

3.2.1 Minhas escrevivências disparadas por “Becos da Memória”

Segundo Conceição Evaristo, (2016),

As histórias contadas trazem à memória, histórias contadas por nossos avós, são recuperadas vidas que só se conhecida nos escritos, mas que ao contar, são revividas novamente. São sentimentos que precisam ser revividos para que não caia no esquecimento, e para que se lembre que, mesmo que sejam apenas contos, são contos verdadeiros que existem na cabeça do autor da história. (EVARISTO 2016, p. 146).

Em minha história sobre a Dona Libertina e o nosso chafariz, com base na história de Vó Rita da autora Evaristo (2006), me chamou a atenção quando a mesma cita a vida em torno da água que sai da torneira ou melhor: do chafariz.

Lembro de quando criança, várias mulheres acordando mais cedo, e também os seus filhos, para ficarem em uma fila para pegarem água. Lembro de uma vizinha que todos os dias estava ao pé da torneira (do chafariz).

Ela (a vizinha), todos os dias, pontualmente, estava lá para pegar água, pra fazer seus afazeres de casa. Essa vizinha acordava todos os dias, aproximadamente as quatro horas da madrugada e eu ouvia minha mãe falar com minha irmã, que a

dona Libertina chegou foi cedo, com seus filhos e netos, com suas latas e baldes para pegar água, e todos já estavam comentando, pois nesse tempo a água tinha horário para chegar e terminar. E quem não a conseguisse passaria o resto do dia sem água, principalmente quando o caminhão pipa não vinha trazer a água para a vizinhança que ficou sem se abastecer.

Já em outra história, a de mãe Joana, mãe da irmã de Maria Velha, se refere à tiração de terço. Lembro-me bem que, em algumas datas tínhamos a tiração de terço. Eu sempre os acompanhava, achava bonito, mesmo não entendendo nada, mas compreendia que, depois do terço, vinham as comilanças.

As vezes os terços eram feitos de casa em casa, até terminar a novena e não eram todas as famílias que aceitavam receber e desenvolver o terço em suas casas. Tenho uma lembrança de minha mãe falar que minha Tia, Mãe Dominga, era uma tiradeira de terço de mão cheia e que todos a chamavam para tirarem o terço em suas casas.

Na história da autora, ainda se fala do Cabo Armando e cita também a temporada de quadrilha, me fazendo lembrar dos bons tempos que acompanhava e achava bonito: as danças, as roupas caipiras, as comidas. Lembro-me muito bem da canjica, a comida mais saborosa da festa, e ainda tinham os ensaios para a dança da quadrilha, a escolha do noivo e da noiva, das vestimentas e também das comidas servidas no dia.

Enfim, os becos vão revelando outros becos em nossas memórias, de sofrimento, mas também de vida comunitária, de prazer em conviver e buscar sentidos para nossa existência, luta e resistência.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nosso estudo, nos propomos investigar e conhecer-mos mais sobre as manifestações do racismo e dos seus enfrentamentos cotidianos, a partir das ideias de autores que tratam do tema e das escrituras ou escrituras, quando utilizamos a nossa memória nestes fatos.

É importante ressaltar a relevância contemporânea desse tema, sobre o enfrentamento do racismo, a necessidade de entender o que está acontecendo em nosso dia a dia, para evitar que situações de racismo fiquem sem uma resposta, uma reação necessária para ser exemplo positivo à nossa família, aos amigos, filhos, ou qualquer outra pessoa no ambiente de trabalho, das escolas, dos postos de saúde, dos hospitais, etc; enfim, do nosso dia-a-dia, que inclusive, se destaca na atualidade pelo problema da violência policial contra jovens negros e negras, pois quando se faz uma reflexão sobre a quantidade de pessoas negras que foram mortas injustamente por policiais (em sua maioria brancos), vemos que a morte de um negro, seja onde for, não é um caso isolado. Na maior parte das vezes, a ação policial age com racismo verificado no abuso de autoridade, na abordagem policial.

É importante ressaltar ainda, que o racismo é crime inafiançável e antes de propagar e disseminar o ódio é preciso lembrar que existem punições para quem o comete. E que a data comemorativa do movimento negro, e agora feriado nacional, do dia 20 de novembro, dia nacional da consciência negra também é uma conquista para negros e negras, bem como para toda a sociedade, celebrar os avanços na luta contra o racismo e em todas as esferas da vida.

Em relação aos dois livros escritos por Conceição Evaristo e sua lição para que nos expressássemos na forma escrita a partir de nossas vivências (escrituras), concluo que o ambiente relatado pela autora reflete sobre a nossa própria realidade de discriminação na realidade histórico-social e negra, brasileira. Tira-se como lição de que, a sociedade te analisa primeiro pela cor da sua pele, para depois “tentar” abrir espaços para te conhecer, e nestas entrelinhas do pré-conceito são cometidos vários julgamentos e ofensas, em que, na maioria das vezes deixam cicatrizes, traumas por muitos anos.

Graças às ações do movimento negro e das pessoas que praticam outras formas de revisão das nossas experiências traumáticas com o racismo, como a metodologia da escritura em Conceição Evaristo, nos deixam mais fortes e com

a certeza de que, o preconceito, a discriminação e o racismo devem ser sempre colocados em pauta para o seu enfrentamento.

REFERÊNCIAS

ARRAES. Jarid. **Heroínas Negras Brasileiras: em 15 cordeis** – São Paulo: Pólen. 2017.

BRASIL. Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Link: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm Acesso em 13/06/2024.

BRASIL. Lei 12.711, de 29 de agosto de 2012. **Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências**. Acesso em 27.02.2024: Link: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm

BRASIL. Lei 14.723/2023, de 13 de novembro de 2023. **Altera a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, para dispor sobre o programa especial para o acesso às instituições federais de educação superior e de ensino técnico de nível médio de estudantes pretos, pardos, indígenas e quilombolas e de pessoas com deficiência, bem como daqueles que tenham cursado integralmente o ensino médio ou fundamental em escola pública**. Acesso em 27.02.2024. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/Lei/L14723.htm#art2

BLOG **DMT palestras**. <https://www.dmtpalestras.com.br/palestrante/conceicao-evaristo/> Acesso em 13.06.2024.

CARNEIRO. Maria Luiza Tucci. **O racismo na história do Brasil: mito e realidade**. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.

EVARISTO. Conceição. **Becos da memória (livro eletrônico)**. – 3ed. – Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

EVARISTO. Conceição. **Olhos d' água** – 1.ed.-Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

MOURA. Clovis. **História do Negro Brasileiro**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1992.

RIBEIRO. Djamilla. **Pequeno manual antirracista**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

NASCIMENTO. Abdias. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. 3 ed. Rev. – São Paulo: Editora Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro. 2019.

SOUZA. Warley. **Conceição Evaristo**. Disponível em: <https://www.portugues.com.br/literatura/conceicao-evaristo.html> Acesso em 08/06/2024.